

## UTILIZAÇÃO DA ESCUTA TERAPÊUTICA NA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM: RELATO DE EXPERIÊNCIA

**LETIELE DA COSTA HANZEL<sup>1</sup>; LAIS VAZ MOREIRA<sup>2</sup>; DANIELE BUENO FERREIRA<sup>3</sup>; MARIANA FONSECA LAROQUE<sup>4</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – letyelle08@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – more-lais@hotmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – danibuenoferreira@gmail.com*

<sup>4</sup>*Universidade Federal de Pelotas – marianalaroque@yahoo.com.br (orientador)*

### 1. INTRODUÇÃO

A escuta terapêutica pode ser considerada como um tipo de estratégia na comunicação, sendo necessária para compreensão do outro. A mesma possui caráter positivo, de interesse e respeito tornando-se, deste modo, terapêutica e de grande utilização na área da saúde (MESQUITA E CARVALHO, 2014).

No cuidado, a escuta pode contribuir minimizando as angústias e o sofrimento do assistido oferecendo a este a oportunidade de falar e expressar-se. Além do mais, a escuta é um instrumento que possibilita coleta de informações auxiliando profissionais de saúde na identificação de problemas (LIMA, VIEIRA E SILVEIRA, 2015).

Diante disso, pode-se afirmar que o papel do enfermeiro não restringe-se à execução de técnicas e procedimentos, é composto por ação de cuidados abrangentes que implica, dentre outros, o desenvolvimento da habilidade de comunicação e escuta (PONTES, LEITÃO E RAMOS, 2008). Sendo assim, fica claro que são instrumentos essenciais do enfermeiro para atender as necessidades do paciente, de forma humanizada, compreendendo-o holisticamente (PETERSON E CARVALHO, 2011).

Enfatizando que através da escuta fortalece-se o vínculo profissional/paciente, permitindo conhecer os sentimentos do paciente em relação a sua atual condição, promovendo medidas de conforto e elevação da autoestima, bem como estímulo ao autocuidado.

Frente ao exposto, este estudo tem como objetivo descrever a experiência vivenciada por acadêmicas acerca da importância da escuta terapêutica na assistência de enfermagem ao paciente hospitalizado.

### 2. METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência, sendo esta, vivenciada por acadêmicas do quarto semestre do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, no cenário de campo prático do componente Unidade do Cuidado de Enfermagem IV: Adulto e Família A, numa unidade de clínica médica de um Hospital Escola (HE). Foram realizadas escutas terapêuticas, no mês de junho de 2017, com um paciente portador do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) internado nesta unidade. Evidenciou-se a necessidade de realizar escuta terapêutica do mesmo, por encontrar-se sozinho, sem apoio familiar, com sinais de desesperança e risco de suicídio.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O reconhecimento da escuta terapêutica na prática de enfermagem na unidade hospitalar é importante devido o benefício que esta traz na qualidade de vida dos pacientes. Segundo Junior e Lima (2014), a escuta terapêutica deve ser priorizada como atividade relevante e essencial de enfermagem, prestando assim um cuidado humanizado.

O paciente em questão era jovem (26 anos), homossexual, com uma história pregressa contendo um conjunto de fatores predisponentes que levaram a baixa-autoestima, um deles o diagnóstico do HIV. Ainda, nesta internação convivia com complicações relacionadas ao seu diagnóstico, ausência de suporte familiar, desesperança, sinais de depressão, risco de suicídio e solidão. No primeiro contato o paciente encontrava-se quieto, triste, desmotivado e com evidências de muita dor, no decorrer do período de realização da escuta terapêutica o mesmo começou demonstrar expectativas quanto sua recuperação, vontade de mudança e força para enfrentar os problemas e dificuldades. Os sorrisos que se faziam ausentes, começaram a surgir em meio as conversas, proporcionando ao paciente momentos de descontração. Ficou notório, então, o quanto ele sentia-se seguro e acolhido pelas acadêmicas de enfermagem.

A escuta terapêutica, por sua vez, propõe a oportunidade da pessoa se comunicar, expressar seus sentimentos, compartilhar suas histórias, ideias e expectativas. Assim, progressivamente, o indivíduo acompanhado manifestou melhora da auto-estima e grande expectativa de recuperação, além da ansiedade pela alta hospitalar para concretização dos seus projetos de vida e compartilhamento de sua história. Pode-se afirmar então, que deste modo, a escuta contribui muito para minimizar as angústias e diminuir o sofrimento do indivíduo que por vezes encontra-se cansado de estar em um ambiente fechado, sem convívio social (SOUZA, PEREIRA E KANTORSKI, 2003).

Evidenciou-se, durante os encontros, o risco de suicídio pelo relato do próprio paciente, quando o mesmo enfatizava períodos de depressão profunda em alguns momentos de sua vida verbalizando o desejo de morrer, quando se deparava com mudanças inesperadas, decepções e em momentos de muita solidão. Percebeu-se a baixa-autoestima, vida familiar problemática, e o apoio social insuficiente relacionados diretamente com o risco de suicídio. O risco também foi confirmado em registros prévios no prontuário, através de encaminhamento do paciente para acompanhamento psicológico devido às ideações suicidas.

Proporcionar ao paciente a oportunidade de ser ouvido, favoreceu a evolução positiva do seu quadro clínico, e concomitantemente, o reconhecimento da equipe de enfermagem acerca do benefício que este acompanhamento estava gerando ao mesmo, que durante o período não solicitou nenhuma medicação analgésica, o que era rotineiro anteriormente. Além disso, estabeleceu-se um forte vínculo entre paciente e acadêmicas de enfermagem.

É importante destacar que algumas pessoas apresentam dificuldade em desenvolver a habilidade de comunicar-se e, principalmente, de saber escutar, por diferentes motivos, que certamente precisam ser refletidos, buscando alternativas para melhorar esta realidade, ainda presente em alguns serviços de saúde. É preciso compreender o outro, colocar em prática a escuta e a comunicação como ferramentas indispensáveis no dia-a-dia, pois a não-escuta pode transmitir à pessoa que ela não merece que lhe dediquem tempo e nem que se interessem por ela (SOUZA, PEREIRA E KANTORSKI, 2003).

Pensando neste contexto, para o profissional de saúde utilizar e desenvolver a sensibilidade para escutar o paciente e encontrar junto com ele estratégias que facilitem sua aceitação e compreensão da doença, se faz

necessário o entendimento de que a técnica, por mais aprimorada que seja, tende a ser inócuas, caso não seja vinculada a uma boa relação, que demonstre interesse pela pessoa (CAMILLO E MAIORINO, 2012).

Diante disso, observou-se na unidade onde foi realizada a escuta terapêutica, que alguns profissionais não conseguiam priorizar a necessidade do paciente de ser ouvido, numa fase em que encontra-se fragilizado pela doença e suas consequências. Por outro lado, entende-se que a falta de tempo devido às atividades rotineiras, as faltas de colegas e a grande demanda de pacientes a serem cuidados possam ser fatores que comprometam o ato de escutar.

Segundo Pontes, Leitão e Ramos (2008), o tempo ou a falta do mesmo é uma queixa bem frequente e muito forte por parte dos profissionais, deste modo acaba comprometendo o processo de enfermagem, sem contar com os problemas como o número reduzido e preparo inadequado do pessoal que compõe a equipe. Salienta, ainda, que não desenvolver o processo de enfermagem dificulta a escuta terapêutica, que é fundamental na recuperação de saúde.

Conforme Mesquita e Carvalho (2014), na maioria das vezes o indivíduo necessita apenas de alguém que o escute, para que possa encontrar conforto, pois por mais que seus problemas lhe pareçam impossíveis de serem solucionados, somente o ato de falar e ser ouvido já lhe causa um alívio imediato.

Desta forma, para introduzir a escuta como instrumento básico no cuidado de enfermagem é necessário tempo, disponibilidade e motivação por parte dos profissionais de saúde. Além disso, avaliar dentre os pacientes, quais possuem maior necessidade de escuta contribui muito na intervenção, enfatizando que todos devem ser atendidos de forma humanizada, com respeito e ética profissional.

Desde a graduação, os futuros profissionais de saúde necessitam estar atentos para o desenvolvimento de habilidades fundamentais para o cuidado ao ser humano, reforçando que dentre estas e de igual importância está o saber ouvir.

#### 4. CONCLUSÕES

O presente estudo permitiu compreender a importância da escuta terapêutica na rotina de enfermagem. No decorrer do trabalho ficou evidenciado o benefício que a escuta possui na assistência aos pacientes, destacando que a equipe profissional precisa atentar-se mais para o cuidado no que tange as necessidades psicossociais e psicoespirituais, contemplando a atenção holística. Faz-se necessário a utilização da comunicação e escuta terapêutica pois elas são fundamentais instrumentos para realização de uma intervenção eficaz.

Dessa maneira, destaca-se a relevância da realização de outros estudos que aprofundem a importância da escuta terapêutica pelos profissionais de enfermagem, visto que este contribui para a assistência de qualidade.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMILLO, S.O.; MAIORINO, F.T. A importância da escuta no cuidado de **Enfermagem**. *Cogitare Enfermagem*, v.17, n. 3, p.549-555, 2012. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/27826>. Acesso em: 27 set. 2017.

JUNIOR, J.C.O; LIMA, I.F. A Percepção dos enfermeiros sobre comunicação terapêutica nas consultas de enfermagem e unidades de saúde da família. **Enciclopédia Biosfera**- centro científico conhecer, Goiânia, v.10, n.18, p.3392, 2014.

LIMA, D.W.C; VIEIRA, A.N.; SILVEIRA, L.C. A Escuta Terapêutica no cuidado clinico de Enfermagem em saúde mental. **Texto contexto Enfermagem**, Florianópolis, v.24 n. 1, p. 154-160, 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/tce/v24n1/pt\\_0104-0707-tce-24-01-00154.pdf](http://www.scielo.br/pdf/tce/v24n1/pt_0104-0707-tce-24-01-00154.pdf). Acesso em: 25 set. 2017.

MESQUITA, A. C.; CARVALHO, E.C. Escuta Terapêutica como estratégia de intervenção em saúde: uma revisão integrativista. **Revista Escola de Enfermagem USP**, v.48, n.6, p.1127 - 1136, 2014. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/reeusp/v48n6/pt\\_0080-6234-reeusp-48-06-1127.pdf](http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48n6/pt_0080-6234-reeusp-48-06-1127.pdf). Acesso em: 20 set. 2017.

PETERSON, A.A.; CARVALHO, E.C. Comunicação terapêutica na Enfermagem: dificuldades para o cuidar de idosos com câncer. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 64, n.4, p.692-697, 2011. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/reben/v64n4/a10v64n4.pdf](http://www.scielo.br/pdf/reben/v64n4/a10v64n4.pdf). Acesso em: 20 set. 2017.

PONTES, A.C.; LEITÃO, I.M.T.A.; RAMOS, I.C. Comunicação terapêutica em Enfermagem: instrumento essencial do cuidado. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 61, n.3, p.312-318, 2008. Disponível em: [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672008000300006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672008000300006). Acesso em 20 set. 2017.

SOUZA, R.C.; PEREIRA, M.A.; KANTORSKI, L.P. Escuta terapêutica; instrumento essencial do cuidado em Enfermagem. **Revista de enfermagem UERJ**, v.11, n.1, p.92-97, 2003. Disponível em: [pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/bde-14620](http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/bde-14620). Acesso em: 20 set. 2017.